



## SOCIOGÊNESE DOS CONCEITOS ENQUANTO APORTE METODOLÓGICO PARA O CAMPO EDUCACIONAL

## SOCIOGENESIS OF CONCEPTS AS A METHODOLOGICAL CONTRIBUTION TO THE EDUCATIONAL FIELD

Marcos Aurélio Dornelas<sup>1</sup>  
[madornelas@gmail.com](mailto:madornelas@gmail.com)

### Resumo

Nosso objetivo neste trabalho é debater, a partir da obra do sociólogo alemão Norbert Elias, a noção de sociogênese como um possível aporte metodológico para o campo educacional. Para tanto, fazemos uma breve incursão na obra eliasiana por meio de seus principais conceitos: civilização, processo e figuração. Apresentamos a sociogênese em conjunto com seu par conceitual-metodológico, a psicogênese, tratando das especificidades entre estes e do caráter complementar que encerram. Fazemos ainda uma proposta de aplicação do método no campo da educação a partir dos elementos para a compreensão da sociogênese do conceito de competências educacionais. Por fim apresentamos nossas considerações finais indicando a necessidade de aprofundamento do uso das ferramentas metodológicas eliasianas para o entendimento das mudanças em longo prazo no campo educacional.

**Palavras Chave:** Sociogênese, educação, competência metodologia.

### Abstract

Our objective in this work is to debate, based on the work of the German sociologist Norbert Elias, the notion of sociogenesis as a possible methodological contribution to the educational field. To this end, we make a brief foray into Elias's work through his main concepts: civilization, process and figuration. We present sociogenesis together with its conceptual-methodological pair, psychogenesis, dealing with the specificities between them and the complementary character they contain. We also make a proposal to apply the method in the field of education based on the elements for understanding the sociogenesis of the concept of educational competence. Finally, we present our final considerations, indicating the need to deepen the use of Eliasian methodological tools to understand long-term changes in the educational field.

---

<sup>1</sup> Doutor, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

**Keywords:** Sociogenesis, education, competence, methodology.

## **Introdução**

Este artigo pretende dar conta de dois objetivos principais, a saber: de um lado, apresentar a perspectiva eliasiana da sociogênese – nesse sentido, se vale de uma breve imersão na obra do sociólogo alemão, principalmente a partir da obra *O Processo civilizador* (1994a), na qual Elias valeu-se da ferramenta para traçar a sociogênese do conceito de civilização – e, de outro lado, e porque não dizer, de maneira completar já que busca aplicar o arcabouço eliasiano a uma questão hodierna, aproximar tal ferramenta teórico-metodológica do campo educacional a partir da necessidade de melhor conhecer o processo de constituição social do conceito de competência. Neste sentido, objetiva evidenciar que o conceito tem raízes mais profundas do que possa parecer numa análise superficial que aponte para a sociedade atual e seu fundamento neoliberal.

Elias coloca que traçar a emergência social de um conceito é mais do que elencar quem o primeiro utilizou e qual a definição e uso que lhe deu. Um conceito precisa responder a uma demanda de um tempo e um lugar. Nesse sentido, para se tratar de sociogênese é preciso antes tratar de figuração, processo e civilização, conceitos fundamentais no arcabouço teórico eliasiano. Esses conceitos serão objeto de descrição e análise na primeira sessão.

A segunda sessão procura acompanhar o percurso analítico traçada por Elias ao propor a sociogênese do conceito de civilização debatendo sua aplicabilidade nas pesquisas educacionais tendo como paralelo o conceito de competência no campo educacional. Constitui sob esse ponto de vista uma primeira aproximação de uma agenda de pesquisa que pretende dar conta dos usos do conceito de competência no campo educacional até os dias atuais.

Por fim apresentamos nossas considerações finais.

## **A sociogênese na obra de Norbert Elias**

A perspectiva metodológica eliasiana para compreender o mundo social é de cunho histórico-sociológico, mas não se identifica com a corrente historiográfica tradicional e

positivista<sup>2</sup>, também conhecida como historicismo, tampouco se aproxima da chamada Escola dos Annales<sup>3</sup> que se desenhava à época que Elias escrevia suas principais obras, nos anos 1930. Elias também busca se afastar da sociologia individualista e da sociologia dos sistemas, a maneira do Parsons, por exemplo.

Os trabalhos de Norbert Elias contribuem para um realinhamento do contato entre história e sociologia. Suas análises de longa duração com base na sociogênese e na psicogênese contribuíram para a reabilitação de termos como evolução e desenvolvimento. Elias manteve ao longo de sua obra a preocupação de dialogar também com a psicologia e combater de forma coerente a fragmentação da sociologia em áreas cada vez mais especializadas. Elias não era afeito a termos como pós-modernidade, ou mesmo modernidade. Ele nos via como indivíduos vivendo um período próximo da Idade Média (Krieken, 2001).

Para dar conta dos cruzamentos, nem sempre convergentes, entre indivíduo e sociedade, seus estudos transitam entre sociologia, biologia, psicologia e também, evidentemente a história, dada a importância da noção de processo em sua obra. Neste mesmo sentido, Elias critica a separação artificial entre natureza e sociedade

a representação desses dois campos como antagonicos é mais característica do atual estado da relação entre os grupos de cientistas especialistas que se dedicam a investigação nestes diferentes campos do que da relação factual entre os dois campos (Elias, 1994, p. 26).

A sociologia de Elias está fundada sobre uma tríade conceitual com implicações metodológicas: configuração, processo e civilização<sup>4</sup>. A sociogênese está mais fortemente identificada com os dois últimos conceitos, ainda que não totalmente desvinculada da noção de figuração. Sociogênese e seu par conceitual, a psicogênese, estão estreitamente ligadas ao que Elias chama de processo. E ainda que nosso foco seja a perspectiva social, não há como dela tratar sem levantar as questões psicológicas subjacentes aos processos.

---

<sup>2</sup>Para uma apresentação ao autor que melhor caracterizou a perspectiva positivista, Leopold von Ranke, consultar por exemplo: RANKE, Leopold von. História. Org. de Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Ática, 1979

<sup>3</sup>Para uma introdução a Escola dos Annales: BURKE, Peter. A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

<sup>4</sup>Tanto assim o é que Elias utilizou exatamente esses conceitos como verbetes de dicionário para sintetizar sua perspectiva teórica. No Brasil foram publicados na obra Escritos & Ensaios, volume 1 (2006).

Civilização é um processo, um civilizar-se, possui direção e especificidade, mas não tem caráter teleológico. Se não nascemos civilizados, podemos, como evidencia Elias, nos tornar civilizados ou não, numa dada perspectiva de civilização. Temos sim, de maneira inata, certas disposições biológicas e fisiológicas, algo como um potencial, que se refere, por exemplo, a nossa capacidade de aprender para além dos instintos e a nossa “capacidade quase ilimitada (...) para absorver, armazenar e digerir experiências novas sob a forma de símbolos” (Elias, 1994, p. 36).

Cada civilização, se assim podemos dizer, configura de modo diverso essas disposições iniciais e aliado a ambientes variados, gera processos civilizacionais os mais diversos. Elias debate essa questão quando observa que

processos biológicos e sociais são mutuamente dependentes [...] a disposição biológica para aprender uma língua, que se desenvolve nos seres humanos nos primeiros dias, depende, por natureza da ativação social, do contato com pessoas mais velhas que falam uma língua específica (Elias, 1994, p. 21)

Essa é exatamente a agenda de pesquisa de Elias: na medida em que não temos uma regulação inata de impulsos e pulsões e empiricamente se constata a variedade de formas sociais e psíquicas, é preciso investigar como ocorrem. Os processos educativos têm um papel destacado no processo civilizacional, e ainda que não tenha sido objeto de análise por parte de Elias é um ramo de desenvolvimento de sua influência enquanto teórico que trabalhou entre o holismo e o individualismo.

A educação, e falando mais recentemente em termos históricos, a escola tem um papel destacado no processo de autorregulação individual. É por meio dela, embora não somente, que se opera a transformação das regulações externas em regulações internas tão importantes para o controle, ou desvio para fins secundários, dos afetos e pulsões.

Esse é um elemento central da sociologia de Elias, na medida em que o processo civilizatório é exatamente o da transformação das coações externas em coações internas. As coações externas são os modos de agir considerados adequados em determinada sociedade, os quais aprendemos por toda a vida, começando já na primeira infância e no sistema escolar. Quando esse processo, na falta de uma palavra melhor, é eficiente, as coerções externas se tornam um tipo de segunda natureza, em *habitus*. As variantes e especificidades das diversas formas sociais, os *habitus* de grupo ou mesmo de nações dependem das interdependências

figuracionais que as pessoas estabelecem entre si e com o meio ambiente natural (Elias, 1997).

Tais nuances, por um lado, são observáveis por meio dos aspectos da psicogênese, ou seja, a variação social e histórica de nossa estrutura psíquica, que diz respeito a forma social e específica em cada agrupamento social dos efeitos da autorregulação. Por outro lado, claro está que os atores sociais não se autorregulam no vazio. Eles o fazem em relação social. E se a psicogênese é uma das determinantes dos processos sociais, entre eles o de civilização, o seu par conceitual, a sociogênese, o é igualmente. A mesma variabilidade observada quando nos referimos as questões psíquicas iremos verificar no que se refere às estruturas sociais (Elias, 1994a).

A estrutura social em Elias, é um processo se fazendo: é família em seus diversos formatos, é Estado em seus diversos tipos e até mesmo a ausência dele, é a diferenciação social em termos de classe, raça, etnia, prestígio social, é também as diferentes formas de trabalho e de ocupações com suas correlatas formas econômicas e até mesmo a linguagem e a simbolização. A estrutura sempre está, ela nunca ‘é’ num sentido de estabelecida para sempre (Waizbort, 2022). Deste modo, a sociogênese é processo metodológico de compreensão da forma como uma determinada estrutura social assume uma forma específica e particular, ou, para usar a expressão eliasiana característica: uma configuração particular.

Logo, a estrutura psíquica e a estrutura social não devem ser vista como dadas ou fixas, mas como um devir, um se fazer constante com caráter de influência mútua. Neste sentido, discutir se é a estrutura psíquica que condiciona a social ou o contrário é uma tarefa que nem o próprio Elias parece ter enfrentado. Ao que nos parece a separação de que Elias se vale é analítica, e não teórica, ou dito de forma mais direta, a sociogênese e a psicogênese são faces de uma mesma moeda mas discutidas separadamente por questões de método e mesmo de clareza na exposição dos argumentos.

Isso fica evidente, entre outros, na obra *O processo civilizador*(1994a), na qual Elias deixa claro que o processo de civilizar-se só é possível graças a articulação dinâmica da psicogênese e da sociogênese. O processo de formação e de centralização do Estado-nação caminha lado a lado com as transformações do comportamento no sentido da autodisciplina; o Estado moderno e o indivíduo moderno foram se fazendo durante esse processo de longa duração.

Metodologicamente, Elias procura demonstrar o processo de estruturação da personalidade investigando as mudanças na regulação, tanto interna quanto externa, dos comportamentos cotidianos analisando códigos de comportamento e manuais de boas maneiras escritos ao longo de várias décadas. Seu objetivo é verificar justamente as mudanças ao longo do tempo do comportamento considerado ideal por uma sociedade em determinado tempo e lugar. Ele analisará o lugar ocupado pelo escritor na rede de interdependência, a época e o impacto da obra. Importa para Elias destacar a regulação das pulsões, dos impulsos e dos afetos na vida cotidiana no qual as pessoas se relacionam na família, no trabalho nas diversões e claro, toda a variação de poder e prestígio que essas relações implicam. (Elias; Dunning, 1992)

O processo não exatamente pacífico e não necessariamente linear de difusão de comportamentos entre os estratos sociais por meio da competição entre grupos é objeto de análise de Elias para demonstrar a dinâmica social na luta por recursos financeiros, poder e prestígio. É exatamente destacando essa questão que o autor coloca:

“só quando se observam as várias descontinuidades que a continuidade da grande linha de desenvolvimento, a simultaneidade de integração e desintegração, de ascensão e queda, de vitória e derrota, só então se alcança uma imagem mais realista do processo” (Elias, 2001, p. 224).

Os recursos metodológicos para se aproximar da sociogênese de um processo, ou de um conceito passa pelos aspectos estruturais da sociedade em análise. Iremos aqui destacar alguns deles: a interdependência, o processo de diferenciação social e o controle da violência.

A interdependência humana é um fato, dependemos de outras pessoas para viver. Ainda que vivamos uma época na qual nossa autoimagem, e mesmo nosso habitus social “induz as pessoas o sentimento de que, num sentido, seu eu individual, e em consequência, todos os outros indivíduos, existem como uma espécie de mônada” (Elias, 1994, p. 22). Cabe frisar que inter-relação, não é dependência total tampouco a absoluta independência. Elias vai destacar o aumento da interdependência e os impactos que isso traz, sendo o mais destacado o aumento da autoconção; quando maior a cadeia de interdependência, mais autocontrole será preciso para lidar com as situações sociais que envolvem cada vez mais pessoas. Outra questão diretamente ligada a sociogênese é a diferenciação social notadamente o incremento das funções sociais e da divisão trabalho.

A sociedade não é “um formigueiro de indivíduos programados no sentido de uma cooperação mecânica. Ela assemelha-se antes a uma teia de pessoas vivas que, sob uma determinada forma, são interdependentes. Elas podem partilhar o mesmo código de comportamento e ser, no entanto, adversárias (Elias, 1994, p. 51) Há aqui uma articulação fundamental entre interdependência e diferenciação social, na medida em que quanto mais funções sociais temos numa sociedade mais cadeias de interdependências ou ainda, maior e mais complexa será a figuração social. O *locus* de análise dessas interdependências e diferenciações sociais são relações *entre* e *em* grupamentos sociais, relações de classe, gênero ou mesmo raça e etnia na luta pelos mais diversos recursos.

Analisando a formação dos estados europeus Elias notará que com o aumento das redes de interdependência o poder foi se centralizando em unidades cada vez maiores, os feudos foram se integrando até chegar aos reinos. A necessidade de proteção em relação a inimigos externos e a necessidade de novos territórios ditava o ritmo desta centralização lenta mais evidente ao longo do processo de longa duração. Os meios da centralização foram principalmente casamentos, compras ou mesmo conquistas. O que podemos derivar desse processo é: quando mais interdependência e mais integração, mais monopolização do poder. Cabe ressaltar: mesmo tendo o processo uma certa previsibilidade em termos da centralização, nada permite derivar quem seria o elemento centralizador; até o século XII, Luís VI o rei do ducado de França era somente um grande senhor feudal entre outros (Elias, 2001).

De maneira bastante didática Elias irá comparar a monopolização do território com os processos de expansão capitalista: “um pequeno número de empresas econômicas supera seus rivais e concorre entre si até que, finalmente, uma ou duas delas controlam ou dominam um dado ramo da economia, sob a forma de monopólio” (Elias, 2001, p. 90) A monopolização territorial naquele momento histórico significava mais poder econômico, político e militar.

O controle da violência é um processo de mudança social que tem amplo impacto. O próprio processo de civilização é dependente desse controle e centralização do uso da violência. Sua mais destacada consequência é a diminuição da violência dentro das figurações no qual o estado-nação é o exemplo mais bem-acabado, entretanto, e de maneira correlata, faz aumentar a violência entre estas mesmas figurações sociais e os estados-nações são mais uma vez um exemplo característico.

Acontecem cada vez menos convulsões sociais dentro dos países, por outro lado, a beligerância entre nações não seguiu o mesmo caminho. Correlato a este controle está a

centralização da tributação. Quando é constituído um exército, uma força centralizada com capacidade de uso legítimo da violência, este aparato precisa de uma fonte de financiamento; tal recurso vem justamente dos impostos.

Elias analisou aprofundadamente um processo de mudança no controle da violência na França pós-guerra civil quando,

“o processo de civilização acarreta uma pacificação cada vez maior, um controle mais rigoroso dos costumes e dos entretenimentos guerreiros, o que impõe a cada cortesão uma contenção mais rígida, um autocontrole mais estável de suas pulsões agressivas” (Elias, 2001, p. 241).

A pacificação nesse sentido é um elemento de concentração de poder e a violência como coerção externa é substituída por um aumento gradual da coerção interna, justamente em termos do controle dos impulsos violentos.

Elias prefere usar o conceito de coerção em lugar de dominação porque este último não dá conta do fato que as coerções não se dão apenas de cima para baixo, em termos de classes sociais, por exemplo. Coerente com sua perspectiva da interdependência, Elias procura evidenciar a coerção recíproca entre os indivíduos, não esquecendo evidentemente que a coerção não tem o mesmo grau de intensidade nas duas direções.

Evidenciando a correlação entre a sociogênese e a psicogênese, o controle da violência tem um impacto direto nas ações dos indivíduos principalmente em relação ao controle dos impulsos violentos. A segurança de que ninguém praticará uma violência contra determinada pessoa está inter-relacionada ao controle que esta mesma pessoa sente sobre si no âmbito do controle de seus impulsos.

O que mais uma vez nos leva de volta ao processo civilizador, cuja característica acentuada é a regulação de conflitos antes resolvidos com a violência física sendo resolvidos por meio das coações que progressivamente se transmutam de externas para autoações (Elias, 1994<sup>a</sup>).

### **Apontamentos metodológicos a partir da noção de sociogênese**

No senso comum, os conceitos são formados a partir de uma única pessoa por meio de um processo de abstração e posterior generalização. Elias, ao tratar disso, exemplifica que nesta percepção do senso comum, para chegar ao conceito de árvore, bastaria que alguém abstraísse todas as propriedades que tornam as árvores do mundo únicas, retendo apenas o que



elas tem em comum. Nessa perspectiva, “a formação de conceitos pode ser considerada como um processo mental individual com um início definido no tempo e, eventualmente, com um fim” (Elias, 1994, p. 58). Deste modo, a perspectiva do senso comum também está alicerçada sobre uma necessidade emocional humana quanto a necessidade de “explicação dos acontecimentos em termos de causas e, assim, de inícios”(Elias, 1994 p.60).

Entretanto, é preciso ir além do indivíduo para entender o processo da sociogênese de conceitos na medida em que se faz necessário reconhecer e investigar o processo interativo de muitas ações e processos mentais de várias pessoas. Ainda que um conceito totalmente novo seja enunciado por uma pessoa isolada o “processo mental individual não é suficiente, por si só, para dar conta da presença, na linguagem, de conceitos ligados a padrões sonoros específicos (Elias, 1994, p. 58). Isto porque não há como garantir “que os padrões sonoros irão ativar na memória dos receptores das mensagens as mesmas imagens latentes que o emissor da mensagem associa a estes padrões sonoros”(ELIAS,1994, p 59).

Além da sociogênese não estar fundada em um indivíduo e uma ideia única, Elias lembra que não é útil procurar um começo absoluto. Podemos no máximo encontrar começos relativos, com descontinuidades e eventuais saltos, mas todos eles observáveis e passíveis de análise e verificação. Para tanto, é preciso sim observar “atentamente a mudança das figurações que os homens interdependentes formam entre si como a espinha dorsal e o centro do curso da história” (Elias, 2001, p 235).

Aprofundaremos a sociogênese do conceito de civilização e em paralelo debateremos as possibilidades de aplicação das ferramentas metodológicas apresentadas por Norbert Elias. Antes disso, entretanto, é importante destacar que Elias utilizou o princípio da sociogênese inclusive ao surgimento da Sociologia enquanto ciência. Diferente do que tradicionalmente se encontra em outras obras que tratam desse tema, as quais normalmente traçam o surgimento da sociologia a partir daqueles que são considerados seus pais fundadores, Elias irá buscar compreender quais as “modificações específicas na maneira de conceber os problemas da sociedade nos referimos quando falamos de ‘ruptura’, da passagem de uma abordagem pré-científica para uma forma mais científica de tratar dessas questões” (Elias, 2006, p. 168). São mudanças na própria estrutura da sociedade das quais o novo caráter científico é uma parte não isolada.

Se é verdade, como coloca Elias, que civilização se refere a uma grande variedade de fatos, e ele se dá a trabalho de sumarizar alguns, uma tarefa metodológica que podemos nos

colocar ao propor a sociogênese de um conceito é exatamente seguir esses passos eliasianos. Elias também coloca que “nada há que não se possa ser feito de forma ‘civilizada’ ou ‘incivilizada’”. O mesmo pode ser dito em relação a competência, nos parece. Ela se refere a uma variedade de fatos e também é possível colocar que não há nada que não possa ser feito com competência ou com incompetência.

De igual modo, há que se questionar qual a função geral do conceito e qual a qualidade comum às atitudes e atividades relacionadas à competência, ou dito de outro modo, qual o grau de síntese do conceito. Assim como acontece com civilização, competência pode dizer respeito a um indivíduo, mas também a uma nação. O conceito de competência ao longo do tempo foi ganhando em capacidade de síntese? Há menos dúvidas do que se está falando ao enunciar a palavra competência do que 50 anos atrás? As implicações disso não são somente importantes do ponto de vista da linguagem e da comunicação. Quanto maior a capacidade de síntese de um conceito, mas ele está enraizado no cotidiano das pessoas e mais impacto ele tem nas relações que as elas estabelecem.

Para Elias, civilização “expressa a consciência que o ocidente tem de si mesmo” (Elias, 1994a, p. 23). de igual modo, cabe nos questionar: o que expressa competência? Segue ainda Elias: “com civilização a sociedade ocidental procura descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha” (Elias, 1994a, p. 23) em termos de tecnologia, maneira, desenvolvimento cultural e visão de mundo.

Assim, tanto quanto civilização, competência expressa um processo ou uma resposta provisória de resultado. Ambos os conceitos estão em movimento. Ao que parece todos, ou ao menos a maioria, buscamos ser mais civilizados, bem como buscamos ser mais competentes no que fazemos. Este é o ponto de partida o qual o analista interessado em seguir a proposta metodológica eliasiana deve considerar no sentido de identificar o que expressa hodiernamente o conceito que esteja analisando e os elementos com os quais ele está diretamente relacionado.

Após levantar os usos e os significados mais gerais do conceito, no seu caso o de civilização, Elias irá observar que os usos da palavra são diferentes entre ingleses, franceses e alemães. Seu foco recairá na comparação entre franceses e alemães, mas diretamente. Conforme ele coloca, são expressões que em suas nações são claras, mas difíceis de definir para um estrangeiro. Competência, por outro lado, parece ter um aspecto mais técnico, menos sujeito a interpretações dúbias. Talvez seja exatamente aí que esteja a armadilha: sob

conceitos aparentemente técnicos pode se esconder ideias carregadas de subjetividade e que fazem referência a um certo tipo cultural, sendo estranha à outras sociedades. Se competência significa antes de tudo agir de acordo com uma expectativa social, as expectativas sociais são as mais diversas, mesmo em tempos de imperialismo ocidental.

No que se refere ao conceito, ao significado de competência, enquanto *kultur*, delimita a cultura alemã e a particulariza, o seu correlato francês, *civilisation*, minimiza diferenças e tem caráter expansionista, o que nos parece mais próximo da noção de competência. “civilização inclui a função de dar expressão a uma tendência continuamente expansionista de grupos colonizadores, o conceito de *kultur*, reflete a consciência de si mesma, de uma nação”(Elias, 1994a, p. 25) Temos então mais um ponto importante metodologicamente: conseguir delimitar o caráter mais ou mais expansionista do termo em análise e qual seu contributo com a formação de identidades de grupos desde um pequeno grupamento como um movimento político até toda uma nação.

Conceitos matemáticos tem uma característica peculiar que o senso comum pretende aplicar a outros de cunho mais socialmente enraizados. Como coloca Elias, “triângulos admitem explicações sem referência a situações históricas” (Elias, 1994a, p. 26). O mesmo não se aplica a conceitos sociais e sociológicos, sendo necessário contextualizá-los para melhor compreendê-los. Neste sentido, civilização evoca tradições e sentimentos, tem portanto um apelo emocional, mexe com os impulsos e pulsões dos grupos humanos. Há na noção de competência algo neste sentido, ou ele pode ser universalmente aplicável?

Havia uma diferenciação entre *kultur* e *civilisation* dentro do território que viria a se tornar a Alemanha. Enquanto *kultur* era de uso corrente na burguesia, *civilisation* era utilizado e fazia sentido em círculos da nobreza alemã, declaradamente de influência francesa. No caso particular da França sua expansão colonizadora não se deu apenas em outros continentes em termos territoriais foi bastante importante também “a difusão de maneiras aristocráticas de corte, a tendência da aristocracia de corte a assimilar e, por assim dizer, colonizar elementos de outras classes.” (Elias, 1994a, p. 39).

Essa é uma questão importante e nos faz indagar se para o caso das competências há um aspecto classista na sua definição e uso. Ao que nos parece, competências emana de uma perspectiva gerencial, muitas vezes alheia e impositiva ao trabalhador comum. E tal qual acontece com a civilidade leva a outras classes não somente noções sobre trabalho e formas

de realização, mas sim formas de comportamento, aspirações, respostas emocionais aos afetos e questões de moralidade.

Mais uma pergunta que se deve fazer a partir das indicações de Elias diz respeito a forma como acontece o espraiamento das maneiras civilizadas. O autor colocará que o clérigo, o professor e a estrutura universitária tem papel importante nesse espraiamento dos códigos de comportamento social e mesmo para a consolidação e difusão da língua alemã culta. O professor e o clérigo são dois dos mais importantes representantes do corpo administrativo de classe média. A universidade por sua vez era ‘a corte’ da burguesia, por meio dela “geração após geração de estudantes disseminaram pelo país, como mestres, clérigos e administradores de nível médio, um complexo de ideias e ideais” (Elias, 1994a, p. 41)

No caso das competências algo parecido tem acontecido. A perspectiva mercadológica hegemônica tem procurado utilizar os sistemas educacionais desde a escola até a universidade para moldar comportamentos, valores e desejos das pessoas. Essa maneira de conduzir a educação sobrepôs-se àquela do nacionalismo presente nas escolas brasileiras até fim dos anos 1980. Desde então, uma perspectiva neoliberal tem guiado o modelo educacional no país sob a influência do mercado que tem raízes no pensamento econômico desde o liberalismo clássico.

Neste sentido, Joel Spring(2018), analisa, por meio de um recorte que podemos chamar de longa duração, o papel das corporações econômicas na produção de uma crença hegemônica: a de que o mercado abarca toda a vida social. Para tanto, conforme coloca Spring, o modelo educacional baseia-se em habilidades e competências voltadas a atender as demandas do mercado, reforçando e naturalizando a percepção de que somos meramente uma sociedade de consumidores.

Para dar conta desse processo tal qual menciona Spring uma possibilidade é seguir os passos indicados por Elias ao analisar a literatura, a filosofia, a economia e política para perceber a construção da autoimagem dos grupos. Elementos do cotidiano também são importantes, quando tratou da corte francesa, Elias (1994a) percebeu que o principal meio de difusão de valores da ‘boa sociedade’ é a conversa neste círculo social bastante restrito e seletivo que é a corte. Já na Alemanha da mesma época o principal meio de comunicação é o livro, dada a dispersão da classe intelectual, ou como diríamos hoje, os formadores de opinião, no território alemão.

O desafio analítico que se apresenta ao pesquisador é identificar como hoje os valores são difundidos e como são ‘formadas as almas’, para usar uma expressão do historiador brasileiro José Murilo de Carvalho (1995), no sentido da legitimação da sociedade consumista e individualista que temos. A escola tem sido um desses meios de construção do sujeito moderno, baseado na perspectiva das competências técnicas e socioemocionais (SPRING, 2018).

Ao tratar da antítese entre Kultur e Zivilization na perspectiva alemã, Elias chama atenção para mais uma maneira de entender a sociogênese dos conceitos: procurar compreender os conflitos em torno dos conceitos, o que ele procura combater ou superar, ainda que isso aconteça apenas num nível discursivo. Para o caso das competências educacionais sua justificativa principal na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Brasil seria articular os conteúdos curriculares no sentido de tornar a aprendizagem focada em questões mais concretas e observáveis, aproximando os estudantes da sua realidade objetiva. Entretanto, o resultado imediato é repassar valores já prontos, retirando da educação o prazer e a alegria da descoberta já que as competências estão assentadas explicitamente nesse documento no que os estudantes ‘devem saber’ e no que precisam ‘saber fazer’, relegando a aprendizagem a uma mera instrumentalização. (BNCC, 2018)

Há evidentemente várias nuances na obra de Elias para, metodologicamente, se observar a sociogênese dos conceitos. Dentro do escopo deste trabalho vamos tratar da última: procurar o objetivo do conceito em termos amplos. Para o caso do conceito de civilização, notadamente na perspectiva francesa, civilização forma, ou pretende formar a unidade ocidental que já não podia ser representada pela Igreja Católica como fora por toda a Idade Média.

Nesse ponto é interessante notar a antítese com a Idade Média, mas também o retorno ao mesmo tipo de aparato unificador. A capacidade de expansão presente no conceito de civilização se pretende inclusive maior que a religião católica da chamada Idade das Trevas, pois almeja reunir mais que os países cristãos em torno de uma ideia de ocidente que se pretende universal. De certa maneira a competência num sentido geral, e também a sua versão aplicada à educação, segue o mesmo sentido na medida em que busca a hegemonia ainda que por outros meios. Neste caso são instituições financeiras, bancos e os mais diversos tipos de empresas que ‘descobriram’ a necessidade de influenciar a educação formal para levar valores mercadológicos para todas as esferas da vida social.

O que se depreende da sociogênese tal como Elias coloca é que em algum momento indivíduos tenham formado o conceito de competência com base em material linguístico já disponível no seu grupo de pertença, ou ainda, talvez tenham atribuído novo significado a uma expressão já existente. Um exemplo categórico disso é dado por Elias ao tratar do conceito de civilização em Turgot<sup>5</sup>. Elias coloca que não foi possível encontrar na obra do economista a palavra civilização, mas já em 1751 foi possível encontrar o significado e a ideia de civilização nos escritos de Turgot. Desse modo, conclui Elias “certa ideia se forma na mente das pessoas com base em certas experiências e depois, gradualmente, uma palavra específica associa-se a essa ideia, a essa área conceitual.(Elias, 1994a, p. 254)

Assim, o fundamental é que o conceito se enraíze no uso de um grupo amplo. É preciso que outros desenvolvam e façam uso do conceito, por vezes ampliando ou restringindo o significado no uso corrente de fala e escrita. Chegam a bom termo quando “tornam-se palavras da moda, conceitos de emprego comum no linguajar diário de uma dada sociedade” (Elias, 1994a, p. 26) Ou seja, estamos tratando de uma questão de necessidade coletiva e social, os conceitos se consolidam quando são instrumentos eficazes para expressar o que as pessoas precisam comunicar. O outro momento é o da naturalização do conceito no senso comum. As pessoas nascem e aprendem a usar conceitos sem se preocupar com sua história de usos, sem se questionar porque seu significado está delimitado no que representa. Veem o mundo por meio de conceitos que lhe parecem naturais. Os conceitos sobreviveram tanto quanto as experiências que lhe deram origem continuam fazendo sentido numa sociedade concreta, “enquanto gerações sucessivas puderem identificar suas próprias experiências no significado das palavras” (Elias, 1994a, p. 26)

### **Considerações finais**

Na primeira parte do texto apresentamos e debatemos, ainda que de modo breve e introdutório, os principais conceitos de Norbert Elias a partir da tríade civilização, processo e figuração. Nosso objetivo central, entretanto foi apresentado no segundo momento do trabalho quando buscou-se demonstrar as possibilidades metodológicas das ferramentas desenvolvidas por Elias a um caso concreto: a noção de competências no campo educacional.

---

<sup>5</sup>Anne Robert Jacques Turgot(1727- 1781) foi um economista e estadista francês.

Nosso foco recaiu sobre a ferramenta da análise sociogenética. A sociogênese e seu par conceitual a psicogênese são os instrumentos principais de análise de Norbert Elias para compreender como se gestam formações sociais específicas, se a abordagem psicogenética é responsável por uma análise da economia dos afetos e pulsões, a sociogênese busca evidenciar os princípios de estruturação de uma figuração social (Elias, 2001).

A sociogênese dos conceitos, do vocabulário científico e dos modos de pensamento e de discurso científico é mais que um problema meramente histórico e supostamente inferior aos problemas da sistematização teórica. Essas análises são fundamentais para se compreender o processo de longo prazo de cientifização do pensamento (Elias, 2008). Ao longo desse trabalho destacamos vários aspectos ligados a sociogênese na perspectiva eliasiana que procuramos relacionar com a sociogênese do conceito de competências educacionais. Começamos por nos questionar quais as definições do conceito; nos perguntamos se há um repositório de ações em torno do conceito.

Descobrir a função geral do conceito e o que ele expressa é de suma importância, assim como o grau de síntese que o conceito tem em dada sociedade. Se há variadas definições importa também saber como grupos particulares utilizam o conceito. Traçar as relações do conceito com propostas expansionistas ou mesmo colonizadoras é outro aspecto a se pesquisar, como debatemos acima. Por fim, carece saber se o conceito tem ou teve, ao longo de seu tempo de uso social, algum apelo emocional e se o conceito surgiu para rivalizar algum outro.

A partir desses indicativos levantados na obra de Elias, pretendemos contribuir com o avanço das pesquisas educacionais que se valem do arcabouço teórico-metodológico deste tão importante sociólogo alemão, que produziu sua obra no século XX mas que ainda tem tão profunda influência nas pesquisas em ciências humanas.

## **Referências**

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

- ELIAS, Norbert e DUNNING, Erich. **Memória e Sociedade a Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992
- ELIAS, Norbert. Federico NEIBURG e Leopoldo WAIZBORT (orgs.). **Escritos & ensaios. Vol. 1: Estado, processo, opinião pública**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994a.
- ELIAS, Norbert. **Teoria Simbólica**. Oeiras, Celta Editora, 1994.
- Norbert ELIAS. **Os alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Organização de M. Schroeter. Rio de Janeiro, Zahar, 1997
- ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia da corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- KRIEKEN, Robert van. Norbert Elias and Process Sociology, In **The Handbook of Social theory**, edited by George Ritzer & Barry Smart, London: Sage 2001: 353-67. 2001.
- SPRING, Joel. **Como as corporações globais querem usar as escolas para moldar o homem para o mercado**. Campinas: Vide Editorial, 2018.